

## APRESENTAÇÃO



Antes de ser santa, Dulce foi um anjo. Pois, exatamente assim, ela era conhecida: o Anjo Bom da Bahia. Um anjo com face de santa que fez dos pobres o lugar privilegiado para viver a sua vocação. Encontrou neles o outro Cristo e fez questão de com eles conviver.

Santa Dulce descobriu desde cedo que a presença de Deus acontece de forma privilegiada e diaconalmente entre os vulneráveis. Onde houvesse um vulnerável, lá se encontrava um altar. A sua paróquia era do tamanho das periferias por onde fazia a sua missão.

O coração dela ardia de amor pelos mais pobres de Deus. Viveu para eles mais do que para si mesmo. Doou-se completamente e, como uma vela, consumiu-se para que seus passos, seus gestos e suas palavras pudessem ser luz para muitos.

Aprendeu que a vida era santa, totalmente santa, porque dada por Deus. Todas as vidas são santas e, por conta disso, precisam ser protegidas. E, assim, descobriu que a santidade da vida é produzida a partir do reconhecimento da dignidade dos outros. Ser santo é amar o humano e cuidar do humano, principalmente dos mais vulneráveis. Reconheceu que todos os caminhos são santos se feitos em direção aos sofredores deste mundo.

Santa Dulce é uma mistura de doçura, intrepidez, ternura, ousadia, solidariedade mesclada com fraternidade, tenacidade e humildade, compaixão e simpatia, o que a levava a viver uma espiritualidade encarnada na realidade. Amava o povo pobre e cheirava a povo. Em sua aparente fraqueza, ela trazia a força do Espírito Santo, que a capacitava a ser discípula e missionária de Jesus.

O livro foi pensado para ser utilizado de forma diária. Nele se encontram trinta meditações para você trilhar durante um mês. Você poderá utilizá-lo como um livro devocional para ler, meditar e rezar, antes de iniciar seu dia repleto de atividades ou ainda para finalizar seu dia. Minha oração é para que Santa Dulce tome você pelas mãos e o conduza por estes 30 dias. Que esses dias possam fazer a diferença em você e que, no final deles, você desfrute das bênçãos de viver o discipulado, a solidariedade e as obras de misericórdia em profundidade, ao lado do Anjo Bom da Bahia!

## 1º dia



### Mensagem

Se quisermos conhecer uma santa brasileira, devemos ter a coragem de andar pelos mesmos caminhos em que ela andou. Caminhos que eram santificados antes mesmo de neles caminhar e que conduziam para onde se encontravam os doentes, os mais pobres e os necessitados. Lugares periféricos, marginalizados e povoados por pessoas esquecidas por todos. Todos! É justamente entre os mais vulneráveis que a santidade da vida irá emergir com toda a sua força.

Quando nasceu, em 26 de maio de 1914, em Salvador, Santa Dulce recebeu o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes. Ela era a segunda de quatro irmãos: Augusto, Dulce, Aloísio e Geraldo. Seu pai, Augusto Lopes Pontes, era dentista e professor universitário e foi a principal influência de Dulce no que se refere à preocupação com os mais vulneráveis. Tragicamente, sua mãe, Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, faleceu aos 26 anos. Restava à pequena Dulce, com apenas 7 anos, chorar de saudade.

Sua vocação começou a se manifestar quando ainda era uma criança. Nessa época, desejava seguir a vida religiosa e, procurando algum sinal que confirmasse seu desejo, ela rezava intensamente. Seguir ou não pelo caminho da vocação religiosa? A vida de oração já se insinuava em Dulce como um dos mais belos exercícios de espiritualidade. Precoce em fazer o bem, na adolescência ela começou a desenvolver sua missão de ajudar os mais vulneráveis de sua cidade: mendigos, carentes e enfermos.

A vocação de Maria Rita crescia e se agigantava a cada dia, e a pobreza a incomodava sobremaneira. Mas quem conhece os caminhos de Deus? Aos 13 anos, ela vive uma decepção que poderia levá-la a trilhar outros caminhos. O Convento de Santa Cruz a rejeita por considerá-la muito nova. Assim, acolhendo a decisão do convento, segue a vida e, em fevereiro de 1932, forma-se como professora primária. Mais do que depressa, no ano seguinte, ingressa na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em São Cristóvão, no estado de Sergipe. Nada poderia impedir que os planos de Deus se concretizassem em sua vida.

O ano de 1934 foi intenso e de extrema importância para Maria Rita. Finalmente, os sonhos de infância se materializavam. Nesse ano, ela fez os votos de fé, tornando-se freira e recebendo o nome de Irmã Dulce, em homenagem à sua querida mãe. Nesse momento, ela possivelmente recordou que, desde criança, sonhava os sonhos de Deus.

Era o momento certo para retornar a Salvador, sua cidade natal. Na primeira missão que recebeu, teve o privilégio de ensinar geografia no colégio que era administrado por sua congregação religiosa e de trabalhar como enfermeira voluntária.

### **Oração**

Dores jamais são estranhas,  
quando reconhecemos que as dores dos outros  
doem primeiramente em nós.

## 2º dia



### Mensagem

A aparente fragilidade de Irmã Dulce escondia uma pessoa forte e corajosa. Embora fosse pequena e passasse despercebida, suas ações ecoavam longe. Bondade e amor eram, para ela, não expressões de um discurso teórico. Bondade, amor e compaixão eram para Santa Dulce os fundamentos de uma das mais notáveis arquiteturas de obras sociais já vistas no Brasil.

Aos 13 anos, numa idade em que a maioria dos pré-adolescentes preenche seus dias e se preocupa com tantos assuntos pessoais e, de certo modo, sem relevância, ela começou a acolher os doentes e mendigos que encontrava pelas ruas de sua cidade. Bondade, amor e compaixão transformaram sua casa num posto de atendimento àqueles que viviam nas ruas. A relevância de seus gestos fez com que a sua casa passasse a ser conhecida como “a portaria de São Francisco”.

O bom perfume de Cristo se espalhava por onde ela passava. Frágil como uma flor, era capaz de florir lugares onde a maioria das pessoas já havia perdido qualquer esperança. Ela foi contra a lógica da maioria e acreditou com toda a esperança. Onde a maioria somente conseguia enxergar a esterilidade de um deserto, ela conseguia, através da esperança, enxergar e se alegrar com o belo jardim que estava para nascer. Sabia que jardins existem somente se forem semeados.

Na fragilidade dos 13 anos e durante toda a sua vida de saúde delicada, mostrou-nos que Deus habita em va-

sos de barro. Na fragilidade de um vaso de barro é que se encontra depositado o maior tesouro do mundo. Não estamos acostumados com a lógica diferente de Deus. Geralmente olhamos para os mais fortes e vencedores e dizemos que Deus está com eles. A fragilidade de Santa Dulce nos ensina que Deus age desde o reverso da história e, da fraqueza vivida na periferia da vida, manifesta sua graça e poder.

Santa Dulce, adolescente ou adulta, intuía que Deus se manifestava preferencialmente e desconcertantemente nas periferias sociais e existenciais. Por isso, ela fazia questão de conviver entre os miseráveis e, assim, também experimentar a presença de Deus.

A franzina e delicada Dulce destilava doçura por onde passava.

### **Oração**

Amar é esvaziar-se de si mesmo  
e se preencher do outro.

## 3º dia



### Mensagem

A primeira missão de Dulce como religiosa foi a de ser professora. Todavia, seu coração ardia em chamas por aqueles que viviam na periferia da vida. Por isso, em 1935, ela inicia um trabalho numa comunidade paupérrima que vivia em palafitas. Eram conhecidos como os pobres de Alagados, num dos bairros da cidade denominado Itapagipe. Posteriormente, ela passa a dar assistência aos operários do bairro. A percepção de Dulce ia muito além de uma assistência episódica. Assim, ela também cria e organiza um posto médico. Incansável e sempre na vanguarda, no ano de 1936 ela funda a União Operária São Francisco, que foi a primeira organização de operários da Igreja Católica do estado da Bahia.

Havia em Santa Dulce uma inquietude que a consumia por dentro. O sonho que acalentava desde a infância havia sido realizado. Era uma freira, e a alegria a dominava por completo. Mas ela sentia que algo ainda estava fora do lugar. Deus deixava seu coração inquieto, e essa inquietude não cessou até o momento em que ela se voltou para os pobrezinhos de Deus. A inquietude que consumia o coração de Santa Dulce somente se aquietou quando ela se converteu aos pobres.

Junto aos pobres de Alagados, ela encontrou definitivamente sua vocação. Descobriu Deus entre os pobres e reconheceu que a solidariedade e o serviço aos miseráveis eram a sua missão. Ao se identificar com os pobres, fez-se pobre. Não se reconheceu mais como uma pessoa

diferente, mas como uma delas. Afinal, reconhecer-se como diferente produz distanciamento e, do distanciamento, nasce a insensibilização. Quanto mais distante, mais invisível se tornam aqueles que deveriam ser abraçados e acolhidos. Não vivemos numa sociedade de pessoas visíveis e outras invisíveis. As distâncias que criamos são os melhores ingredientes para o surgimento de uma sociedade apática.

O processo de discernimento de Santa Dulce teve início quando ela ainda era uma criança. No entanto, é possível afirmar que esse processo se encerrou somente quando ela se encontrou com outros "Cristos pobres" em Alagados.

### **Oração**

Há muito mais anjos sem asas  
do que aqueles com asas.  
Como notar a diferença?  
Basta deixar de olhar para os céus  
e olhar com mais cuidado para os lados.

## 4º dia



### Mensagem

“Se houvesse mais amor, o mundo seria outro; se nós amássemos mais, haveria menos guerra. Tudo está resumido nisto: dê o máximo de si em favor de seu irmão, e, assim sendo, haverá paz na terra”. “Mais amor” revela que a maior missão que temos é a de cuidar uns dos outros. Lembremos, por exemplo, quando Deus perguntou a Caim onde estava seu irmão Abel, e ele, mais do que rápido, respondeu com outra pergunta, revelando que o cuidado do outro seu irmão era algo raro: “Por acaso sou eu o responsável pelo meu irmão?”. Santa Dulce responderia com um sonoro sim: é claro que somos responsáveis uns pelos outros.

A pergunta de Caim aponta o caminho da fuga e da falta de responsabilidade. Somos responsáveis porque o bem-estar dos nossos irmãos depende do que fazemos ou do que deixamos de fazer. Não vivemos isolados na sociedade. A vida não é uma ilha que nos isola de tudo e de todos. A pergunta de Caim parece servir como uma capa atrás da qual nos escondemos. Não enxergamos o próximo como uma possibilidade de agirmos de forma bondosa e amigável. Talvez vejamos nos outros um inimigo; talvez alguém que esteja disputando conosco a mesma vaga no emprego ou a mesma promoção. Numa sociedade em que o individualismo é festejado, o amor se torna produto exibido em museus.

Devemos olhar para Caim como se fosse para um espelho. Suas palavras e princípios rondam nossos lábios. Talvez não sejamos muito diferentes dele. Mas,

talvez, seja mais fácil criticar a postura dele que ver a nossa imagem refletida no espelho. Caim não morreu! Ele continua vivo em cada um de nós. Ele se apresenta todas as vezes que não agimos solidária e amorosamente. Todas as vezes que negamos o bem-estar aos outros, estamos sendo Caim. Caim está mais vivo do que nunca nas famílias, nas escolas, nas igrejas, nas corporações, no relacionamento entre vizinhos. A imagem de Caim nos espreita sorrrateiramente todos os dias. Por meio de nossas ações o alimentamos e o convidamos a permanecer diariamente em nossa casa.

Caim não morreu e não morrerá enquanto prolongarmos no presente uma ação que deveria ser apenas uma vaga lembrança. Quais são as razões pelas quais deveríamos cuidar de nosso irmão? Essa é a pergunta que revela a essência de Caim em nós e o próprio erro de Caim. Afinal, quando pedimos as razões pelas quais deveríamos cuidar de nosso irmão, estamos, simultaneamente, renunciando à nossa responsabilidade e, conseqüentemente, deixamos de agir moralmente. Mas por que deveríamos cuidar do nosso irmão?

A única resposta é: porque isso nos faz mais humanos. Tornamo-nos mais humanos – e nos distanciamos de Caim – quando assumimos responsavelmente a vida do nosso irmão como se fosse a nossa própria vida. É a responsabilidade amorosa pelo nosso irmão que nos converte num ser ético, diria Santa Dulce.

### **Oração**

Todas as vezes que vemos um pobre,  
deveríamos reconhecer que temos,  
diante de nossos olhos,  
o principal dos altares.

## 5º dia



### Mensagem

O Evangelho de Mateus 25 apresenta o critério fundamental adotado por Deus no julgamento a que todos serão submetidos no fim da história. E, por mais incrível que possa parecer, o critério utilizado não é aquilo que se faz para Deus, mas aquilo que se faz para o próximo, principalmente para o vulnerável. Estamos diante de uma mensagem evangélica que é pautada pela prática. Não basta conhecer a vontade de Deus. Faz-se necessário adotá-la como princípio que conduz a vida no dia a dia. No Evangelho, os que vivem a partir do princípio da solidariedade são chamados de “ovelhas”, “benditos”, “justos” e vivenciam uma prática do cuidado e uma espiritualidade responsável pelo outro. O sofrimento do outro não é estranho a eles, por isso não lhe viram as costas.

Já os que vivem a partir da indiferença e num projeto narcisista são chamados de “cabritos”, “malditos” e “injustos”. A indiferença faz com que eles fechem os olhos para a realidade que se encontra imediatamente na sua frente. Trata-se de um “estilo de vida” que não enxerga o outro e, muito pior, o torna invisível. Aqueles com fome, sede, nus, aprisionados e doentes são considerados “sobras” numa sociedade que não os acolhe e que, ao mesmo tempo, cria periferias para que vivam suas vidas geograficamente distantes.

A resposta de Jesus à pergunta de ambos os grupos coloca no centro das atenções os mais vulneráveis e a capacidade de cada pessoa reconhecer neles a presença de

Jesus: “Todas as vezes que vocês *fizeram* isso a um desses meus irmãos pequeninos, foi a mim que o fizeram”, e “todas as vezes que vocês *não fizeram* isso a um desses mais pequeninos, foi a mim que não o fizeram”.

É no caminho do cotidiano que se dá o encontro com o Jesus dos vulneráveis. Afinal, os frutos por meio dos quais os discípulos e discípulas são reconhecidos devem, necessariamente, nascer nas e das relações construídas no dia a dia.

Santa Dulce assim resumia a sua forma de compreender Jesus e a sua mensagem: “Para mim o pobre, o doente, aquele que sofre, o abandonado é a imagem de Cristo”. Reconhecer na face do pobre a face de Cristo é uma das mais cristalinas demonstrações de maturidade espiritual.

### **Oração**

O pão repartido é mais nutritivo  
do que aquele comido solitariamente.

## 6° dia



### Mensagem

Qual deveria ser a medida da nossa entrega a Deus? Para responder a essa pergunta, Santa Dulce dirige seus olhos para Deus e reconhece que Ele entregou totalmente seu único filho por amor e, ao olhar para Jesus, compreende que ele também se entregou na cruz totalmente e solidariamente para a salvação de todos. Em ambos, ou seja, no Pai e no Filho, constata-se doação total. Deus e Jesus não economizam para amar. Se Deus e Jesus amam totalmente, como eles deveriam ser por nós amados?

E, novamente, Dulce responde com santa dedicação. A dedicação a Deus era compreendida como fruto de uma clara consciência de como Deus se entregou por ela. E, da mesma forma, não seria possível se poupar para Deus. A consagração a Deus não podia ser parcial; a dedicação a serviço dos pobres não podia ser pensada de forma relativa. Tratava-se sempre de uma questão de tudo ou nada.

Claro que toda doação é exigente. Exige muito mais do que se está disposto a dar. Assim, Santa Dulce nos orienta para bem compreendermos os rigores de se consagrar a Deus: “O amor supera todos os obstáculos, todos os sacrifícios. Por mais que façamos, tudo é pouco diante do que Deus faz por nós”. O amor, para ela, era a fonte de todas as libertações. E, principalmente, a libertação interior. Uma libertação que nos livra de uma camisa de força e nos leva a caminhar total e integralmente para Deus.

O amor supera todos os obstáculos. Santa Dulce jamais sugere que os obstáculos desaparecerão como num passe de mágica por seguirmos e nos dedicarmos a Deus. Obstáculos fazem parte da vida de cada pessoa; eles vêm e vão, às vezes com maior e, outras vezes, com menor intensidade. E como eles podem ser vencidos? Os obstáculos são vencidos somente com doses vigorosas de amor. No amor se encontra a força necessária para continuar vivendo, apesar dos obstáculos.

Qual seria o limite de nossa dedicação a Deus? A única resposta possível dada por Santa Dulce seria que tudo, absolutamente tudo o que fazemos, é pouco diante de Deus!

### **Oração**

A intensidade da dor  
corresponde à intensidade da solidariedade.

## 7º dia



### Mensagem

No Evangelho de Lucas 4,18-19, encontramos uma das mais importantes passagens para compreender Jesus e a sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Nessa bela passagem de carregado sentido carismático, Jesus diz que está repleto do Espírito Santo e consagrado para uma missão. E Jesus apresenta sua missão como a de cuidar daqueles que viviam miseravelmente na periferia da vida. Pobres, presos, cegos e oprimidos eram o alvo da ação missionária de Jesus. No início de sua missão, Jesus demonstra sua preocupação com aquelas pessoas que não mais eram consideradas como iguais por uma sociedade e religião desumanas. No anúncio de sua missão, Jesus coloca no centro de sua atenção os necessitados.

O Evangelho era lido e vivido de forma concreta por Santa Dulce. Um Evangelho concreto como a vida é concreta. Possivelmente o texto de São Tiago 2,14-16 não era estranho a ela: “Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo, um irmão ou irmã não tem o que vestir e lhe falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: ‘Vão em paz e comam bastante’; no entanto, não lhes dá o necessário para o corpo. Que